

BIENAL

S. Paulo, dezembro.

A primeira coisa que devo dizer sobre a Bienal é que ela me abafou. S. Paulo subitamente passa a ser, e de verdade, um centro internacional de arte. Todas as brigas que houve, e há, são pequenas diante desse fato. O pequeno Museu de Arte Moderna meteu os peitos e venceu em grande escala: sua exposição não pode ser vista honradamente em menos de uma semana, e seria vista com um grande interesse em qualquer país do mundo.

Há, é verdade, muito entusiasmo, em grande parte inevitável porque mandado pelos países concorrentes, que foram nada menos de 21; a outra parte foi devida ao bom coração do júri que selecionou os trabalhos para a seção geral. Isto seria quase inevitável, e o remédio é esperar mais rigor para a próxima vez. Quanto aos prêmios, a escolha que mais desagradou foi o primeiro, da pintura nacional. Vi o quadrinho de Danilo Di Prete, e não consegui entender o que foi que a comissão viu nele. Se querem que eu fale com franqueza, achei bem pintadinho; é claro, foi um pintor que pintou. Mas há um desencontro da linha da mesa, antes e depois das frutas, que me aborrece, e a composição é medíocre. Digo mais, acho que é um quadro que o próprio artista poderia pintar melhor, se o fizesse outra vez, e com mais calma. Não podemos fazer outra coisa que dar parabéns a Di Prete, que fez honestamente seu trabalho e deve ter levado o susto de sua vida, com esse belo prêmio. Acreditamos, porém, que mesmo a aceitar o critério (que me parece errado, e que o próprio júri não seguiu nem na escultura, nem na gravura) de não premiar artistas já feitos e nomes já consagrados, ainda haveria alguns outros concorrentes que mereceriam mais o prêmio.

O mesmo poderia dizer — guardadas as proporções — sobre o prêmio de pintura internacional. Enfim os prêmios menores foram quase sempre bem distribuídos, e os de escultura e gravura também; e os arquitetos, que tiveram sua exposição autônoma, parece que souberam distinguir os melhores valores.

O problema daqui a dois anos será formar um júri nacional de seleção mais duro, e um júri internacional menos... esquisito. Mas a principal coisa a assinalar é a importância real que essa iniciativa do Museu confere à cidade de S. Paulo e o interesse do público por um certame que muitos pensavam ser fadado a uma elitezinha caprichosa: cerca de 50 mil pessoas pagaram 10 cruzeiros para ver a Bienal.

25/12/51 R. B.